



Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino

**Atena Editora
2018**

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexões sobre a arte e seu ensino [recurso eletrônico] /
Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (Reflexões sobre a arte e seu ensino; v.1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-15-4
DOI 10.22533/at.ed.154182208

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine
Mafra. II. Título. III. Série.

CDD 707

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins
comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A arte acompanha o homem desde os primórdios da humanidade. Ao longo de toda a história teve diferentes funções: já foi forma de comunicação, magia, doutrinação e tantas outras, todas elas relacionadas ao modo de organização da sociedade.

E a função da arte na atualidade qual será? Entre tantas outras uma função que se destaca: é a da reflexão acerca da sociedade atual, do que nos é ofertado e do que ofertamos aos outros. Arte provoca sentimentos, sensações, desperta o homem para uma realidade que nem sempre se tem consciência, por isso está estruturada a partir dos diversos campos do conhecimento. É na arte que muitas minorias se apresentam, onde a representatividade e a expressão se fazem livres, de julgamentos, de pré-conceitos, de paradigmas sociais estabelecidos.

Entretanto toda reflexão, discussão, contradição da arte não se encerra na linguagem visual, teatral ou tantas outras possíveis, Na atual condição a arte precisa ser debatida, pensada e apresentada enquanto pensamento, em uma linguagem explícita e compreensível a todos. Esta é a proposta deste livro: apresentar as discussões, as reflexões sobre arte para a academia, para os estudiosos e estudantes.

Entre os capítulos a abrangência dessa expressão fica evidente, quando se discutem funções da arte na atual sociedade, como pode ser utilizada para despertar o olhar para a cidade, a inclusão da mulher em espaços de arte pouco comuns, a interdisciplinaridade possível através da representação botânica, a moda, a tecnologia e até mesmo a preocupação com a acessibilidade aos espaços da arte.

Discutir sobre a arte é necessário, é adquirir consistência e consciência no que se produz e no que se vê nas suas expressões. Os trabalhos apresentados conduzem o leitor a diferentes caminhos, levando-os à reflexões, ao provocá-lo a compreender este universo tão amplo.

Enfim, como diz Alfredo Bosi: Arte é expressão, arte é conhecimento, arte é construção; com todas essas possibilidades as discussões são a ponta do novelo que nos conduz há um caminho de muitas perguntas, e nem tantas respostas, mas essa é a escolha de quem se permitiu ser contagiado pela arte!

Boa leitura e muitas reflexões!

Prof.^a Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
OS LUGARES NÃO VISTOS NA ESCOLA PERPASSADOS PELAS AÇÕES DA ARTE CONTEMPORÂNEA	
<i>Ana Beatriz Campos Vaz</i>	
CAPÍTULO 2	8
VIESES NEUROCIÊNCIAS DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE ARTE	
<i>Samara Madureira Brito Korb</i>	
CAPÍTULO 3	17
FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ARTE	
<i>Maria da Penha Fonseca</i>	
<i>Renata Lucia de Assis Gama</i>	
CAPÍTULO 4	28
O MEIO AUDIOVISUAL COMO RECURSO DIDÁTICO NA AULA DE HISTÓRIA	
<i>Miguel Angel Ariza Benavides</i>	
CAPÍTULO 5	40
ARTE E COMUNIDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS	
<i>Amanda Aguiar Ayres</i>	
CAPÍTULO 6	52
ARTE NOS LIVROS DO PNLD PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I	
<i>Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama</i>	
CAPÍTULO 7	62
ARTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO JARDIM DOS FLAMBOYANTS DO COLÉGIO PEDRO II	
<i>Mônica de Mendonça e Sica Martins Aguiar</i>	
CAPÍTULO 8	76
ARTE E TECNOLOGIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DOS ANAIS DO CONFAEB SOBRE AS POSSIBILIDADES DIDÁTICAS COM O USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS	
<i>Maria José Negromonte de Oliveira</i>	
<i>Taciana Pontual Falcão</i>	
CAPÍTULO 9	93
ARTE E RECRIAÇÃO NA ESCOLA: TRANSFORMAR E TRANSFORMAR-SE COM INCLUSÃO SOCIAL E RESPEITO À DIVERSIDADE	
<i>Kátia Cristina Novaes Leite</i>	
<i>Osimara da Silva Barros</i>	
<i>Najara Santos de Oliveira</i>	
<i>Luciane Ferreira Bomfim</i>	

CAPÍTULO 10	103
SOBRE OS MODOS DE APRENDER E ENSINAR: ALTERNATIVAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM MÚSICA	
<i>Teresa Mateiro</i>	
CAPÍTULO 11	119
PROCESSOS EDUCATIVOS NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO SONS DE MAKUNAIMA	
<i>Marcos Vinícius Ferreira da Silva Leila Adriana Baptaglin</i>	
CAPÍTULO 12	131
PRÁTICAS MUSICAIS INDÍGENAS: DO ESQUECIMENTO ÀS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO MUSICAL	
<i>Warllison de Souza Barbosa Márcio Lima de Aguiar</i>	
CAPÍTULO 13	141
O CORPO COMO INSTRUMENTO DE MUDANÇAS...	
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos Ursula Rosa da Silva</i>	
CAPÍTULO 14	149
DESVELANDO CAMINHOS COM A DANÇA CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS	
<i>Lilian Freitas Vilela</i>	
CAPÍTULO 15	158
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE PARA O ENSINO DO TEATRO NA ESCOLA	
<i>Edina Lucia Correia Azevedo</i>	
CAPÍTULO 16	171
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES DO TEATRO NA PRIMEIRA INFÂNCIA	
<i>Flávia Janiaski Vale Eric Vagner de Souza</i>	
CAPÍTULO 17	183
O PRÉ-CINEMA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA DE INSERÇÃO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO	
<i>Fabiane Costa Rego Adriana Costa Rego</i>	

CAPÍTULO 18	194
PROCESSOS FORMATIVOS DO PROFESSOR E PESQUISADOR EM ARTES VISUAIS: TENDÊNCIAS E CONCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS E SEU DESDOBRAMENTO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	
<i>Fernanda Monteiro Barreto Camargo</i> <i>Gerda Margit Schütz Foerste</i>	
CAPÍTULO 19	204
QUANDO SAÍMOS DA INSTITUIÇÃO, ESTAMOS SÓS! TENSÕES ENTRE A UNIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO BÁSICA NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS.	
<i>Leda Maria de Barros Guimarães</i>	
CAPÍTULO 20	223
O PROCESSO DE INCLUSÃO NAS AULAS DE ARTES VISUAIS EM UMA CLASSE DE ENSINO REGULAR: REFLEXÕES SOBRE A ARTE E SEU ENSINO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE BOA VISTA-RR	
<i>Ivete Souza da Silva</i> <i>Emmanuela Chuery Schardong de Andrade</i>	
CAPÍTULO 21	241
POEMAS URBANOS: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E AUTORIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA O ENSINO MÉDIO	
<i>Eleni Jesus de Souza</i>	
CAPÍTULO 22	257
RELATO DOS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA O APRENDIZADO NAS AULAS DE ARTE: A PARTIR DO ESTUDO DOS ARTÍSTAS JOHN AHEARN E RIGOBERTO TORRES	
<i>Laura Paola Ferreira</i> <i>Fabício Andrade</i>	
CAPÍTULO 23	267
UMA VIVÊNCIA PLÁSTICA POR INTERMÉDIO DO MARCO – MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE MS	
<i>Patrícia Nogueira Aguenta</i>	
CAPÍTULO 24	278
A LINGUAGEM ESCULTÓRICA NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA PESQUISA DO PARFOR/FURB SOBRE VIVÊNCIAS DOS PROFESSORES NAS AULAS DE ARTES	
<i>Roseli Kietzer Moreira</i> <i>Lindamir Aparecida Rosa Junge</i>	
CAPÍTULO 25	288
O OLHAR FOTOGRÁFICO COMO POTÊNCIA CRÍTICA NA SALA DE AULA	
<i>Cláudia Mariza Mattos Brandão</i> <i>Guilherme Susin Sirtoli</i>	

CAPÍTULO 26	299
MEDIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL:CONSTRUINDO SENTIDO A PARTIR DA OBRA DE JOSÉ EZELINO DA COSTA – CAICÓ/RN	
<i>Jailson Valentim dos Santos</i>	
CAPÍTULO 27	314
A PRÁTICA DA FOTOGRAFIA CEGA: TATEANDO OUTRAS VISUALIDADES NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS	
<i>Adriano Moraes de Freitas Neto</i>	
<i>Gilberto Andrade Machado</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	324

ARTE E RECRIAÇÃO NA ESCOLA: TRANSFORMAR E TRANSFORMAR-SE COM INCLUSÃO SOCIAL E RESPEITO À DIVERSIDADE

Kátia Cristina Novaes Leite

APAE, Jacobina - Ba

Osimara da Silva Barros

UNEB/TIPEMSE, Salvador - Ba

Najara Santos de Oliveira

UNEB/TIPEMSE, Salvador - Ba

Luciane Ferreira Bomfim

UNEB/TIPEMSE, Salvador - Ba

Valnice Sousa Paiva

UNEB/TIPEMSE, Salvador - Ba

Jucineide Lessa de Carvalho

UNEB/TIPEMSE, Salvador - Ba

RESUMO: Na escola e na vida social, o uso da criatividade através do trabalho artístico é profundamente necessário como elemento de motivação educacional. A arte transmite pensamentos, sentimentos e informações e proporciona à pessoa com deficiência intelectual uma maior circulação social, além dos limites do sistema escola-família-saúde. Como contribuição para tal entendimento, este trabalho pretende discutir como a atividade artística contribui para a inclusão social e o respeito à diversidade, enfatizando a potencialidade da arte como atividade promotora de mudança de objetos e pessoas que trabalham artisticamente, proporcionando-lhes auto-estima, respeito por si mesmo e pelo

produto da arte como resultado de admiração e reverência àqueles que a contemplam. O texto também relata os experimentos bem sucedidos desenvolvidos pelo Projeto Recriando na APAE de Jacobina, que visou à inclusão social de pessoas com deficiência intelectual através da arte.

PALAVRAS-CHAVE: Arte na Escola, deficiência intelectual, inclusão social.

ABSTRACT: At school and in social life, the use of creativity through artistic work is deeply necessary as an element of educational motivation. Art transmits thoughts, feelings and information and provides the person with intellectual disability a greater social circulation, beyond the limits of the school-family-health system. As a contribution for such understanding, this work intends to discuss how the artistic activity contributes to social inclusion and respect to diversity, emphasizing the potentiality of art as an activity that fosters change of objects and people who work artistically, providing them with self-esteem, respect for oneself and for the product of art as an outcome of admiration and reverence to those who contemplate it. The text also reports the successful experiments developed by Project Recriando at Jacobina's APAE, which aimed at social inclusion of people with intellectual disability through art.

KEY WORDS: Art at School, intellectual

disability, social inclusion.

1 | INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade vivenciamos a rica e efetiva parceria entre Arte e a Educação, indiscutivelmente ligadas sob diversas perspectivas, e segundo diferentes concepções e contextos socioculturais desde os remotos tempos das pinturas rupestres nas cavernas aos dias atuais quando a alta tecnologia chega costumeiramente a nos assustar, dadas as intermináveis possibilidades que nos apresenta relativas à comunicação, expressão, representação da realidade e facilitação da vida social.

A Arte e suas múltiplas linguagens através da experiência estética e dos fazeres artísticos, faz parte de nossas construções cotidianas, sendo muitas vezes instrumento de ampliação de nossas capacidades, compensação de nossas fraquezas, expressão dos nossos desejos e sentimentos. Encontramos nesse leque de possibilidades a sua importância para a formação de pessoas seja na escola ou nos ambientes sociais, por seu caráter essencialmente humano e humanizador, pois,

Quando criamos, colocamos um pouco de nós, do nosso universo interior no que fazemos. Dessa forma, temos a oportunidade de entrar em contato como o nosso universo interior e conhecê-lo um pouco mais. Assim poderemos entender, mudar, transformar, significar, ressignificar, transmutar, transcender, se e quando necessário. (ROCHA, 2009, p. 87)

No Brasil, o primeiro sistema educacional organizado e historicamente reconhecido, o Jesuítico, tinha como um de seus pilares o ensino de Artes. Ao longo de dois séculos o fascínio da música e do teatro aproximou os jesuítas dos indígenas brasileiros, possibilitando a comunicação de idéias e sentimentos de forma afetivamente encantadora.

Da mesma forma que fez parte da construção da escola brasileira, o ensino de arte teve papel preponderante na construção das escolas especiais brasileiras. Helena Antipoff, fundadora da Sociedade Pestalozzi em 1932, foi pioneira ao assegurar o conteúdo de arte no currículo da Educação Especial desta instituição, que foi a primeira no atendimento educacional formal ao deficiente intelectual no Brasil, seguida pela APAE em 1954. A partir de 1930, Antipoff formou professores no Estado de Minas Gerais para atender a deficientes intelectuais enfatizando em suas formações a importância da arte, com programa de “exercícios de desenho”, trabalhos manuais e canto. (Jannuzzi, 1985).

Na década de 70, a Lei de Diretrizes de Bases nº 5.692, tornou obrigatório o ensino da Educação Artística na Educação Básica. As discussões da aplicabilidade da lei deram um enfoque maior ao ensino de Artes e assim os professores perceberam a importância da disciplina no desenvolvimento dos estudantes com

necessidades especiais. Mesmo assim, as atividades realizadas eram relacionadas a trabalhos psicopedagógicos que não proporcionavam ao educando a construção de conhecimentos e novas formas de linguagem e expressão.

Atualmente vivenciamos a Década das Américas pelos Direitos e pela Dignidade das Pessoas com Deficiência, estabelecida pela Organização dos Estados Americanos (OEA) para o período de 2006-2016, concomitantemente às discussões em torno da proposição de uma sociedade inclusiva que acontecem desde os anos 90. A inclusão pretendida refere-se a mudança de hábitos e reações e ao modo de pensar e agir perante a sociedade e as pessoas que fazem parte dessa sociedade diferentemente democráticas e, portanto diversas, únicas.

Pensar a sociedade inclusiva implica em pensar democracia, direito, deveres e principalmente convivência respeitosa no que se refere às diferenças sociais, culturais e ideológicas, além dos diferentes estilos de vida dos integrantes dessa sociedade, onde ninguém é invisível ou menos importante na composição do todo social. Sob esse aspecto, acreditamos que a arte tem muito a colaborar, não apenas no desenvolvimento intelectual das pessoas com deficiência, mas também com o necessário processo de inclusão social destes.

2 | DEFICIÊNCIA, ARTE E CRIATIVIDADE

Como em todo processo vital, a criatividade está diretamente ligada aos eventos revitalizadores da pessoa como crescimento, funcionamento fisiológico saudável, expansão de si, auto-realização e enriquecimento do campo das experiências da vida, alcançados através da possibilidade de representar, construir ou reproduzir. Para tanto, esse ser humano necessita desenvolver a capacidade de memorização, a iniciativa própria e o acreditar em si.

Acreditar nesse potencial de criatividade e autorealização pelo ser que cria e nessa criação se recria é o alicerce de todo trabalho em arte para qualquer ser humano e principalmente no trabalho artístico da pessoa com deficiência intelectual, cujos processos de elaboração esbarram no déficit cognitivo e muitas vezes num processo de estimulação ineficiente.

A Arte, enquanto linguagem, interpretação e representação do mundo, é parte deste movimento. Enquanto forma privilegiada dos processos de representação humana, é instrumento essencial para o desenvolvimento da consciência, pois propicia ao homem contato consigo mesmo e com o universo. Por isso, a Arte é uma forma de o homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele (BUORO, 1996, p.20).

Em seus estudos Vygotsky(1997, p. 33 - 40) nos aponta o fato de que a qualidade das experiências obtidas junto aos grupos sociais proporcionam avanços inestimáveis na formação do indivíduo, seja este indivíduo considerado normal ou deficiente.

Ainda segundo Vygotsky as funções superiores são mais plásticas e, portanto mais facilmente educáveis que as funções elementares, pois as funções elementares são norteadas pelo núcleo orgânico enquanto as funções superiores são de domínio social. Para Vygotsky (1997, p. 33 - 40) o desenvolvimento é um processo cultural e todo o funcionamento humano se origina e se transforma nas relações sociais, o que de fato decide o destino da pessoa, em última instância, não é o defeito em si mesmo, a deficiência, mas suas consequências sociais, suas relações psicossociais e como são trabalhadas essas relações.

O pensamento de vygotkskyano nos leva à defesa de que todos são capazes de aprendizagens e desenvolvimento de habilidades artísticas, potencializando assim a cognição e a capacidade geral de aprender, pois no trabalho com a arte se permite o ousar, o explorar, o experimentar, o inventar, e o sonhar, sem medo de errar, amorosamente amparado por aquele que media as atividades artísticas, na escola, o professor.

A arte torna-se terreno fértil para a revelação de novas e efetivas capacidades. Aprender implica enxergar com profundidade, conhecer, ressignificar, através da atenção, da percepção, da memória, do raciocínio, da imaginação, do pensamento e principalmente da afetividade, esse sentimento que empodera o ser e lhe permite tentar sem a frustração de ser futuramente censurado.

Nessa perspectiva, a criatividade é um movimento indiscutivelmente fundamental à vida e é importante a compressão da deficiência não como algo limitante, pois em seu desenvolvimento cada pessoa com deficiência experimenta processos de elaboração e uma série de funções que compensam, equilibram e suprem as dificuldades existentes. A deficiência, a carência, o déficit, perdem sua relevância dada a reação que nasce da pessoa enquanto artista, durante seu desenvolvimento como resposta às dificuldades impostas pela condição de desvantagem em dar sentido aos próprios sentidos e em expressar verbalmente sensações e sentimentos quando estes ainda estão indefinidos, ou quando não percebidos com clareza. A Arte entra nesse cenário como facilitadora da expressão por ser multilíngue.

Ao expressar-se por meio da Arte o aluno manifesta seus desejos, expressa seus sentimentos, expõe enfim sua personalidade. Livre de julgamentos, seu subconsciente encontra espaço para se conhecer, relacionar, crescer dentro de um contexto que o antecede e norteia sua conduta (BUORO, 1996, p. 33).

A Arte se faz linguagem, pode ser lida, mostrada, interpretada e apreciada. Através da Arte o homem se relaciona com seu eu e com o mundo ao redor, desenvolve a capacidade de perceber, identificar, analisar, realizar e questionar. A arte torna-se o recurso que coloca em ação a criatividade proporcionando a quem dela se serve a possibilidade de expressar conteúdos pessoais, autoperceber-se e ter consciência de si, além de agir reflexivamente desenvolvendo habilidades e competências necessárias ao convívio social qualitativamente superior.

E é como se tudo se passasse numa grande corrente de comunicação, num cordão umbilical entre o artista e o mundo: arte como alimento. Só que aqui cessa a analogia, pois para ser arte, essa “linguagem” transcende quase que inevitavelmente o pragmático e fixa-se numa porção mágica que inclui beleza, prazer, enigma. O produto artístico é, de alguma forma, o criador – não fala por ele, é ele. (AMARAL, 1988, p.106)

E nessa perspectiva de tornar-se o produto da arte, percebe-se o gozo do ser que cria, perante sua criação, a importância do olhar que admira a obra e nesse admirar fortalece auto-estima, auto-respeito e reverência.

Assim como sou eu ele quando falo dele. Esse produto artístico, essa obra de arte, é o ponto de confluência dos afetos, das paixões, da vida interior do artista – ressoando em meus afetos, em minhas paixões, em minha vida interior. Minha fala nada mais sendo que uma caixa de ressonâncias. (AMARAL, 1988, p.106)

A obra de arte transcende o artista, ganha seu espaço nas ruas, as exposições, a mídia e ganha o reconhecimento. Dela nasce o diálogo, um ponto de aproximação, a razão para conhecer o outro. Esse diálogo desencadeado pela Arte termina por aproximar um grupo de artistas e amantes da arte ou apenas curiosos e encantados por ela, reposicionando, no caso da pessoa com deficiência, esse artista, para fora do circuito fechado, a que muitos são submetidos, onde as relações estabelecidas, a vida social, não ultrapassam a família, a escola e os serviços de saúde. Amaral (1998, p. 106), apresenta-nos ainda, a arte como um “caleidoscópio mágico ou disposição para uma aventura pessoal” enquanto construção, conhecimento e expressão. Nesse “caleidoscópio” hipotético, cruzam-se, justapõem-se e invertem: público/obra/artista, conhecer/fazer/expressar, descobrir/inventar/figurar, natureza e sociedade/meios e linguagem, artista e subjetividade, conhecimento/execução/expressão, sugerindo uma completa simbiose criador/obra, criador/público, obra e público. É nessa aventura de criatividade, inventividade e subversão que a pessoa com deficiência intelectual alça vôos na construção de sua identidade e afirmação de seu espaço social único, pautado em suas aspirações de pertencer a um todo social onde seja verdadeiramente respeitado como ser produtivo e produtor de conhecimento. Nessa perspectiva, destacamos a afirmação de Barbosa quando salienta que o processo de identificação é sempre a produção de “uma imagem de identidade e transformação do sujeito ao assumir ou rejeitar aquela imagem reconhecida pelo outro”. (BARBOSA, 2010, p.02), comungando com Rocha (2009) que define criar como ato de expressar, registrar sua marca pessoal, seu estilo, seu modo de ver e estar no mundo.

3 | PROJETO RECRIANDO: INCLUSÃO E ARTE

Cumprindo suas metas estatutárias que visam promover qualidade de vida e inclusão social às pessoas com deficiência intelectual e tendo por base o Manual para o Ensino de Artes da Federação nacional das APAEs, ARTE, CULTURA, EDUCAÇÃO

E TRABALHO: Proposta Orientadora das Ações, a APAE de Jacobina, instituição que atende cerca de 120 estudantes de todas as faixas etárias, com deficiência intelectual ou múltipla, atraso no desenvolvimento psicomotor e autistas, de todas as idades e classes econômicas, contando com convênios públicos e doações particulares, iniciou em fevereiro de 2013, o Projeto Recriando: Educação e inclusão social pela Arte.

Para que o deficiente alcance a integração social é preciso que sejam cumpridos os princípios da igualdade, que envolve o trabalho, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, o bem estar e a justiça social. Sendo assim é dever do Estado e, acima de tudo, da sociedade civil promover medidas práticas que rompam com velhos conceitos que geram discriminação e exclusão social para o fim de permitir ao deficiente o seu legítimo direito de ser integrado no meio social (REIS, 2009, p.9).

Nessa perspectiva, o objetivo geral do projeto é promover a inclusão social da pessoa com deficiência intelectual através do estudo, da apreciação e da produção da arte. Entre os vários objetivos específicos destacamos os seguintes:

- Observação, estudo e compreensão de diferentes obras de artes visuais, artistas e movimentos artísticos produzidos em diversas culturas se em diferentes tempos da História.
- Reconhecimento da importância das artes visuais na sociedade e na vida dos indivíduos.
- Identificação de produtores em artes visuais como agentes sociais de diferentes épocas e culturas.
- Pesquisa e frequência junto das fontes vivas (artistas) e obras para reconhecimento e reflexão sobre a arte presente na região em torno.
- Reconhecimento e valorização social da organização de sistemas para documentação, preservação e divulgação de bens culturais.
- Elaboração de registros pessoais para sistematização e assimilação das experiências. (FENAPAES, 2001, p. 28)

A proposta da instituição subverte ao que tradicionalmente é oferecido às pessoas com deficiência intelectual em escolas e instituições especializadas, ou seja, colorir segundo um modelo, cobrir pontos e traçados fixos, ou outras atividades similares, totalmente dirigidas, que minimizavam as capacidades intelectuais e criativas, sempre subestimadas a quem atende esse grupo social. O projeto difere também da conotação somente terapêutica comumente objetivada no atendimento às pessoas com deficiência intelectual, não descartando, porém, o potencial para diagnóstico, treino de habilidades motoras, socialização e auto estima que também são conseguidos através da arte. Na perspectiva trabalhada a arte torna-se mais que simples expressão de sentimentos.

Aqueles que defendem a arte na escola meramente para libertar a emoção devem lembrar que podemos aprender muito pouco sobre nossas emoções se não formos capazes de refletir sobre elas. Na educação, o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso. Se a arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um “grito da alma”, não estamos oferecendo nem educação cognitiva, nem educação emocional. (BARBOSA, 2010, p.05)

Sendo assim, o Projeto prevê diversas leituras de obras de arte a depender das potencialidades de cada estudante e seu grupo de trabalho, pois o que menos se espera é homogeneidade. Projetos interdisciplinares comungam com as demais atividades curriculares da escola e podem durar uma unidade ou um semestre letivo. O trabalho é iniciado pela apresentação das obras e seus autores, seguida das leituras técnica, política, histórica, e da leitura contestadora ou crítico-reflexiva, que por vezes torna-se terapêutica por permitir a expressão singular de sentimentos que podem ser mediados pelo professor. Posteriormente à leitura ocorre a reinvenção da realidade posta nas obras, a partir da perspectiva de vida daquele que “lê” a obra, o educando e seu olhar criativo, estimulado pelo grupo e as possibilidades a ele apresentadas pela arte.

No projeto são trabalhadas artes plásticas, literatura, música e expressão corporal, obras de artistas consagrados ou da região. Citamos como exemplo a releitura das obras de Candido Portinari, cujo processo de trabalho deu-se a partir de diferentes tipos de leitura acima citadas, seguida do processo de produção que envolve recriação da obra ou uma nova produção a partir dela. É feita pelo grupo a escolha das obras para reprodução ou recriação, planejamento da apresentação pública e ao final a avaliação dos trabalhos pelo grupo.

A culminância do projeto é sempre a exposição pública das produções, a primeira exposição foi direcionada ao público interno e às famílias, a segunda e a terceira foram abertas ao público, em via pública da cidade e na instituição com visitas de variados públicos respectivamente.

Esses momentos de contemplação do público desencadearam as mais diversas e significativas reações nos estudantes/artistas, e o trabalho como um todo faz refletir positivamente sobre o mesmo a todos os participantes, o que é traduzido na fala contida no relatório da professora Karine Leite, uma das professoras responsáveis pelo projeto, na APAE de Jacobina,

As atividades realizadas permitiram que os alunos experimentassem relaxar, rir, interpretar, dançar, interagir e se conhecer mais, e a mim também, conhecê-los mais, me fez perceber que a mesma situação que causava medo em um, para outro era um desafio a ser vencido, e diante dessas situações foi possível criar cada vez mais possibilidades de reflexão e criação, porque a criação é possível a partir do momento que o aluno reflete sobre algo, seja uma reflexão sobre o que ele sente, sobre o que o outro sente, ou que o mundo sente e ele percebe no comportamento de seus familiares, vizinhos, amigos e nos noticiários. E aí, quando não é fácil escrever ou falar o que ele sente ou pensa, a arte dá a ele a oportunidade de demonstrar tudo isso em cores, modelos, formas, movimento, riso tornando-os mais tranquilos, unidos, e desafiadores. Foi interessante perceber o quanto os grupos ficaram fortes, o quanto se articularam, o quanto provocaram. (APAE, 2014, p. 08)

No Projeto a atividade artística configura-se como recurso a ser trabalhado na educação de pessoas com deficiência intelectual, promovendo subsídios complementares ao processo de ensino-aprendizagem que vem favorecendo o desenvolvimento de habilidades necessárias à interação social com consciência de

ser e estar presente num grupo onde suas habilidades são aceitas, admiradas e desejadas.

Foi surpreendente perceber o quanto os alunos falaram mais. No final do ano eles estavam menos calados, mais seguros de suas opiniões, sugeriam mais, problematizavam mais, e tentavam mais, arriscavam respostas, isso pra mim foi o mais importante, perceber a segurança que eles tinham neles. Perceber aquele aluno que não levantava a cabeça pra falar, hoje olhar em meus olhos e fazer uma piada, comentar sobre qualquer assunto de interesse dele. (APAE, 2014, p. 08)

4 | CONCLUINDO: FAZER ARTE O TRANSFORMAR QUE INCLUI

Das pequenas às grandes mudanças são construídas o cotidiano, o ser humano produz incessantemente maneiras de adaptar-se ao novo, o que implica perceber-se de forma consciente, agir reflexivamente no processo existencial, além de expressar diferenciadamente o que é pessoal e o que é social. Acreditamos que o fazer artístico é na escola e na vida um elemento desencadeador de conexões que facilitam a elaboração dos conteúdos internos e externos ao ser humano, sendo o processo criativo um facilitador do autoconhecimento e do conhecimento reflexivo do mundo e de sua cultura, cabendo ao educador mediar esses processos de forma que toda informação possa ser transformada em conhecimento de si e de mundo, pois é na escola que o estudante aprende e tem referências para seu convívio social e humano ao proporcionar o conhecimento sobre a importância de respeito para consigo e para com o próximo.

Aos poucos, vemos a sociedade absorver o diferente, não mais à custa da legislação nacional que torna a inclusão obrigatória nas escolas e nos ambientes sociais. O conhecimento sobre o que são e o que podem as pessoas com deficiência têm rompido a invisibilidade a que foram por tantos anos fadados. À escola enquanto instituição que abarca diversas representações sociais, urge adaptar-se convenientemente às necessidades de cada sujeito, introduzindo em seu cotidiano formas de ensinar que privilegiem todas as formas de aprender através de ações e estratégias pedagógicas que garantam o desenvolvimento do educando e de suas multiplicidades e diferenças democráticas. Os recursos são os mais variados e possíveis.

A Arte é aqui proposta como linguagem acessível, possibilitadora de múltiplas expressões, sentimentos, idéias, emoções e o mais importante, interação de qualidade, pautada na valorização de si e do outro que produz e à humanidade deixa seu legado de ser contribuinte com a história. Num contexto inclusivo, e tratando-se especificamente do deficiente intelectual e de sua educação escolar, a Arte vem potencializar o desenvolvimento desse estudante e de suas estruturas mentais como recurso educacional que auxilia o desenvolvimento cognitivo melhorando seu aprendizado, e explorando suas potencialidades além da alfabetização estética, a

reflexão sobre sua cultura e o estar no mundo.

O Projeto Recriando é bem recente, está ainda em andamento, porém, os resultados até então obtidos são instigantes e desencadeiam o estudo constante do tema e encaminham-se para a conclusão da extrema importância do conhecimento sobre a inclusão de pessoas com deficiência em meio à sociedade através do ensino de Artes promovendo os sentimentos de pertença e o empoderamento daquele que produz e compartilha a sua produção artística.

Ao analisar as atividades realizadas pelos estudantes e as respostas obtidas nesse Projeto, percebe-se que foram satisfatórias e bem aceitas pelos educandos, o trato com a questão da inclusão de pessoas com deficiência em meio à sociedade, abordadas enquanto se “ensinou” sobre a arte e suas representações, pois na arte a deficiência é também representada e questionada.

No decorrer da realização das atividades artísticas presenciamos a surpresa de cada estudante com o próprio fazer artístico, a relação diferenciada que cada um passa a ter consigo e com o mundo, a iluminação que cada olhar afirmativo e admirado exerce sobre o estudante/artista e a nova relação estabelecida a partir desse olhar. A postura corporal se transforma, a auto-percepção se transforma, a relação com o mundo se transforma. O educando percebe-se incluído socialmente, não por que as leis dizem que a inclusão existe, mas por que ele sente e ao sentir revela-se outro, não mais o dependente da caridade inicial oferecida pela sociedade aos deficientes, mas outro que como todos, de alguma forma, é construtor de uma sociedade, a qual dignamente pertence, não apenas como coadjuvante.

REFERENCIAS

AMARAL, L.A. **Deficiência, vida e arte**. 1998. 223f. Tese (Livre docência) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

APAE, **Relatório Pedagógico 2014**. Jacobina, 2014.

BARBOSA, Ana Mae, **Arte, Educação e Cultura**. Portal Domínio Público. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre_000079.pdf Acesso em: jun./2010.

BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: Cortez, 1996.

DE BOTTON, Alain. **Arte como Terapia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

FENAPAES, **Arte, cultura, educação e trabalho: Proposta orientadora das ações**. Brasília : Federação Nacional das APAEs, 2001.

Januzzi, G. **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil**. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1985.

REIS, Jogremir S. dos. (org). **Arte como terapia no tratamento de pessoas com deficiência**. Araranguá: ACAPED, 2009.

ROCHA, Dina Lúcia C. **Brincando com a Criatividade: contribuições teóricas e práticas na Arteterapia e na Educação**. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Obras escogidas V: fundamentos de defectologia**. Madri: 1997.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-15-4

